

# ACÚMULO DE CAPITAIS COMO DISTINÇÃO DENTRO DE FANDOMS ORGANIZADOS: UMA BUSCA PELA RETOMADA DOS CONCEITOS DE BOURDIEU E FISKE

CAPITAL ACCUMULATION AS A DISTINCTION WITHIN ORGANIZED FANDOMS:  
A SEARCH TO RETURN BOURDIEU AND FISKE'S CONCEPTS

## **Enoe Lopes Pontes**

Doutora em comunicação e cultura contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (Salvador/Brasil).  
E-mail: enoelopespontes@gmail.com

Recebido em: 12 de março de 2024  
Aprovado em: 19 de junho de 2024  
Sistema de Avaliação: Double Blind Review  
BCIJ | v. 4 | n. 1 | p. 110-129 | jan./jun. 2024  
DOI: <https://doi.org/10.25112/bcij.v4i1.3695>



## RESUMO

A partir de reflexões teóricas, partimos dos conceitos de Acúmulos de Capitais, para compreender como as distinções funcionam nas hierarquias e construções discursivas dentro de comunidades de fãs. Partindo de um exercício de uma disciplina voltada para o filósofo Pierre Bourdieu, reunimos pontuações de Fiske (1992), para conectar os atravessamentos entre o que foi criado por Bourdieu, com o que foi apropriado por Fiske, para analisar fandoms. O presente artigo visa abordar questões constitutivas sobre fãs de produções midiáticas ficcionais, buscando descobrir quais são os elementos que colocam estes indivíduos como figuras centrais entre seus pares. Além disso, procuraremos utilizar o conceito de Comunidades Interpretativas, de Stanley Fish (1992), bem como os questionamentos e inquietações de Regina Zilberman (1989) sobre as possíveis lideranças conquistadas para o estabelecimento de certas interpretações, criando uma construção coletiva de Recepção. Em uma ação de comparar o estado da arte com exemplificações do universo de comunidades de fãs, a nossa hipótese é de que para além do fato de que fãs que acumulam determinados tipos de capitais e, por esta razão, passam a ocupar Posições de Poder dentro dos fandoms, o Espalhamento midiático (Jenkins *et al.*, 2013) e a expansão do uso das redes sociais, organizou e segmentou ainda mais estas inferências de disputas de poder.

**Palavras-chave:** Fandoms. Disputas. Tipos de Capitais.

## ABSTRACT

From theoretical reflections, we start from the concepts of Capital Accumulation, to understand how distinctions work in hierarchies and discursive constructions within fan communities. Starting from an exercise in a discipline focused on the philosopher Pierre Bourdieu, we gathered scores from Fiske (1992), to connect the crossings between what was created by Bourdieu, with what was appropriated by Fiske, to analyze fandoms. This article aims to address constitutive questions about fans of fictional media productions, seeking to discover what are the elements that place these individuals as central figures among their peers. Furthermore, we will seek to use the concept of Interpretive Communities, by Stanley Fish (1992), as well as the questions and concerns of Regina Zilberman (1989) about the possible leadership gained to establish certain interpretations, creating a collective construction of Reception. In an act to parallel the state of the art with exemplifications of the universe of fan communities, our hypothesis is that in addition to the fact that fans who accumulate certain types of capital and, for this reason, begin to occupy Positions of Power within of fandoms, media spread (JENKINS et al, 2013) and the expansion of the use of social networks, organized and further segmented these inferences of power disputes.

**Keywords:** Fandoms. Disputes. Capital Types.



## 1 INTRODUÇÃO

Grupos são formados a todo instante, se juntam por afinidades múltiplas, que dependem de fatores distintos, como contextos sociais, econômicos, culturais etc. A formação de comunidades bem subdivididas e com uma ampla quantidade de variações é um traço da sociedade contemporânea (Albuquerque, 1999). Assim, o comportamento das pessoas que se agrupam em prol de um gosto ou ideal, de maneira bem compartimentada e organizada é uma tendência crescente. A partir desta lógica progressiva de transformação, é relevante procurar propor novas investigações sobre quem são esses novos grupos – ou antigas comunidades, que ganharam outras trajetórias e comportamentos –, quais suas características e especificidades, como também sobre os critérios que os levam a definir como um coletivo.

O universo de fãs é um destes mundos grupais, com indivíduos que se unem, presencialmente ou virtualmente, para falar e agir em relação ao objeto de admiração. Essa criação de relacionamento, unido à discussões, debates e conversas sobre um produto midiático, artista ou celebridade que gostam, faz com que estas pessoas formem fandoms, algo que pode ser encarado de fato como uma comunidade interpretativa (Fish, 1992). O termo fala justamente de como a mentalidade individual acaba se tornando coletiva e/ou unificada, a partir do ambiente frequentado (Ex.: igreja, escola, universidade etc.). Logo, o que passa a ser pautado dentro desta lógica é que, apesar de se existir uma construção de sentido unificada, na qual cada experiência leva para uma compreensão, o estar em grupo cria e elabora dinâmicas próprias, que fazem com que seja possível observar e analisar indivíduos, a partir dos seus agrupamentos.

No entanto, também é necessário considerar que esta edificação de conhecimento e compreensão sobre produtos, sobre a sociedade e o mundo não partem repentinamente. A recepção de um coletivo pode contar com instauradores de opinião, que a partir de um posicionamento hierárquico mais elevado, dentro de seu grupo, pode influenciar a todos, disseminando um pensamento seu, que se torna de um grupo (Zilberman, 1989). É neste sentido, que um de nossos desejos, dentro do presente trabalho, é propor um diálogo sobre fandoms, partindo da noção de Fish (1992) sobre Comunidades Interpretativas, bem como levando em consideração as provocações de Zilberman (1989) sobre influências hierárquicas dentro destes grupos.

Compreende-se, portanto, que para realizar um de nossos intentos há uma necessidade de descobrir de onde partem estas lideranças, para, assim, entender como se dá uma espécie de *start* de uma dada interpretação, que é disseminada a partir de um influenciador. Partiremos das noções de Pierre Bourdieu sobre Capitais, para iniciar o debate, procurando realizar um exercício discursivo e analítico, paralelando os conceitos do filósofo com o universo aqui discutido. No entanto, não deixaremos de considerar os



avanços de Fiske (1992), em relação aos valores, acúmulos e posições ocupadas dentro do campo dos agrupamentos entre fãs, para fomentarmos este debate teórico.

É neste sentido que salientamos que este artigo é um material que tenta convocar uma construção de estado da arte, utilizando exemplos de fandoms para ilustrar as nossas teorias, sendo eles retirados de grupos de Facebook e postagens de Twitter, a partir do método de observação participante (Boellstorff *et al.*, 2012; Flick, 2019). Os grupos de fãs de produções midiáticas ficcionais foram escolhidos para ilustrar nossa teoria. É por isso que é relevante compreender que a busca é tentar elencar quais são os tipos de capitais que podem ser acumulados por um fã, ao passo que relacionamos alguns de seus tipos com discussões vigentes do campo. “Fiske aplica o conceito de capital cultural, criado por Pierre Bourdieu, na distinção de fãs, na maneira como eles se relacionam com seus objetos” (Curi, 2010, P. 38). No entanto, é importante lembrar que este trabalho visa lançar a hipótese de que as comunidades interpretativas possuem líderes e que essas pessoas acumularam, ao longo de suas vidas, capitais que as colocaram ali, naquela Posição.

O direcionamento se deu a partir da aproximação da pesquisadora com esta comunidade, visto que o olhar sob esses grupos ocorre desde 2015 até o atual momento. Dentro deste tempo de coleta e a participação como Aca-fã<sup>1</sup>, foi selecionado um recorte da análise para a elaboração desta escrita (entre maio e julho de 2019), período no qual ocorreu uma observação de comunidades online de fãs de séries internacionais e novelas nacionais, para a confirmação da manutenção dos comportamentos vistos previamente em nossos estudos. Nosso intuito era a reunião de possíveis exemplos comprobatórios, partindo do novo problema de pesquisa, objetivos e hipóteses, sendo que o período de tempo marcado aqui, se dá pela época da produção deste material. Neste universo, com o intuito de tornar o resultado desta breve pesquisa algo mais geral e introdutório, essas comunidades não aparecem aqui apresentadas em suas especificidades.

O exercício que realizamos segue em direção das teorias de Bourdieu e a procura foi justamente em rumo aos pensamentos, sugestões e descobertas do autor em alguns de seus textos. O objetivo era partir do filósofo, para depois procurar os exemplos dentro destas comunidades. Desta maneira, o primeiro tópico traz alguns elementos sobre estudos de fãs, para que o leitor possa se ambientar e compreender com mais profundidade este universo. Em seguida, parte-se para a compreensão do que Bourdieu fala sobre tipos de Capitais. Os escolhidos foram o Econômico, o Cultural, o Social, o Simbólico e o Específico. A seleção ocorreu a partir da tentativa de elencar os capitais presentes no universo dos

---

<sup>1</sup> Aca-fã é uma terminologia cunhada pelo teórico Matt Hills (2002) para designar acadêmicos que são fãs das produções que estudam e fazem parte de comunidades de fãs.



fãs. A terceira e última parte faz justamente essa junção entre o pensamento de Bourdieu em relação aos capitais e como isto pode ser visto dentro dos grupos de fãs.

Acreditamos que a maior contribuição deste estudo para o campo de pesquisa sobre fãs é a busca por abordagens mais vinculadas com um olhar menos romantizado de fandoms, algo um tanto recorrente na academia, principalmente em materiais de mestrando e doutorandos, dos PPGS nacionais (Greco; Pontes, 2023). Além disso, pretendemos contribuir para o fomento de exercícios mais criativos e menos enrijecidos por sistemáticas formulaicas. Ainda que cumpramos os requisitos teórico-metodológicos para a produção de um artigo, também acreditamos que reflexões e diálogos entre autoras (es) podem ser um bom processo analítico, incluindo a trajetória de investigações sobre fãs.

Ainda há, nacional e internacionalmente, uma ausência de métodos específicos ou a junção de métodos para Pesquisa do Campo, por exemplo. Caminhar pelos passos de Fiske (1992) e tentar articular algo para além dele, pode soar um tanto arrogante, porém é necessário lembrar que está escrita é resultado de uma disciplina de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e cultura contemporâneas, da UFBA, voltada para o entendimento sobre a obra de Bourdieu, que possuía como resultado final a feitura de um artigo. Através do pensamento sobre prováveis articulações, desarticulações e revisita que nasce este projeto que, inicialmente, é este material, porém que, a partir dele, pode ganhar espaço para futuras elucubrações. Assim, começamos este trabalho tratando sobre estudos de recepção e comunidades de fãs. Em seguida, tratamos sobre as teorias de Bourdieu para, por fim, tentarmos ilustrar e discutir, a partir de autoras e autores utilizados em nossa revisão bibliográfica, casos destacáveis dentro de cada lógica de acúmulo de capitais.

## **1. PANORAMA GERAL SOBRE OS ESTUDOS DE RECEPÇÃO E FÃS**

### **1. 1. GRUPOS DE FÃS COMO COMUNIDADES INTERPRETATIVAS**

A partir de gostos, vontades e admirações, pessoas se unem em grupos para dividir e compartilhar o afeto que sentem por determinada obra, artista ou figura célebre. Esse encontro pode fazer com que eles, separadamente ou em coletivo, sejam considerados fãs. A nomenclatura pode ser aferida apenas quando existe o gosto pelo objeto de devoção, mas também quando há certo nível de dedicação, fazendo-os se encaixarem nesta classificação (Hills, 2002). No presente artigo, a lógica de Hills (2002) é utilizada e são considerados fãs aqueles que empregam afeição, tempo e empenho em relação ao objeto ou figura pública que admiram. É neste sentido que tomamos como base teórica que estas comunidades de fãs, os chamados fandoms, são um tipo de conjunto que pode ser considerado como Comunidade Interpretativa



(Fish, 1992). Desta forma, assim como diversos outros grupos sociais (condomínio, classe de balé, igreja etc.), este seria um direcionamento para a interpretação de uma obra, indo além do sentido individual, de experiências pessoais, dadas as coisas e partindo pela lógica de um consciente coletivo, que marca uma interpretação grupal (Fish, 1992).

Desta maneira, o entendimento de assuntos diversos seria advindo da participação de alguém em um dado lugar. A forma de ver o mundo e os fatos sob a ótica de um estudante de uma escola ou um fiel de uma igreja, por exemplo, estaria diretamente ligada com o que o coletivo tem como pensamento. Por isso, Fish (1992) afirma:

(...) um texto qualquer depende não da pré-existência de significados determinados ligados ao texto, mas da inserção dos interlocutores dentro de um mesmo sistema interpretativo e de uma mesma comunidade interpretativa. Isso inclui as circunstâncias, crenças e suposições que cercam a produção do texto (Fish, 1992, p.191).

No entanto, Regina Zilberman (1989) questiona a teoria de Fish, apontando a necessidade do autor em pensar que uma interpretação coletiva não surge repentinamente, mas sim a partir de um ponto de vista específico, vindo de alguma (ou algumas) figura icônica, que irá disseminar um pensamento, que pode se espalhar dentro daquela comunidade. A partir deste ponto, seguiremos na busca de como identificar os líderes inseridos nestes coletivos, procurando o que eles têm de acumulado que os confere uma voz mais intensa entre seus pares. Porém, antes, é preciso entender nomenclaturas e aspectos dos estudos sobre os fãs para depois avançarmos na investigação.

## 2. BOURDIEU E TIPOS DE CAPITALS

No presente artigo, constrói-se a hipótese de que dentro dos *fandoms* existe uma espécie de ponto de partida para os caminhos da Recepção daquele grupo, através do problema de pesquisa: existe uma influência de um ou mais fãs, que embebidos de acúmulos de capitais, firmam a interpretação de toda uma comunidade? Nosso objetivo, assim, é analisar tipos de capitais, fundados e explicados por Bourdieu, para descobrir como distinções dentro do Campo podem criar hierarquias, que fundam interpretações em conjunto. A teoria aqui apontada é a de que existem fãs líderes que acabam trazendo teorias e reflexões, "contaminando" seus pares. A partir deste entendimento de supostos influenciadores de construção de sentido, consideramos a perspectiva de Espalhamento midiático (Jenkins *et al.*, 2013), para fomentar a nossa discussão.



Com os avanços tecnológicos, os consumidores têm a possibilidade de se comunicarem através dos ambientes digitais e de disseminar suas ideias também, por isso essa interação, neste espaço, também terá o foco, além de algumas reflexões sobre engajamentos presenciais. Elencando todos estes fatores, surge a hipótese de que para alcançar esta liderança e ter uma voz dentro do *fandom*, o indivíduo precisou começar de algum lugar para que assumisse este local de influenciador, acumulando capitais que lhe conferiram certo reconhecimento em sua comunidade. Contudo, para buscar compreender quais são estas características é necessário, antes, entender onde acontecem as ações dos grupos, analisadas para um dado pesquisador. De acordo com Bourdieu, existe um ambiente chamado Espaço Social, espécie de ambiente no qual as práticas e as representações dos agentes são organizadas. Dentro dele, existem os campos, que são locais em que os agentes estão em constante luta, busca por validação e legitimação.

Nele, pessoas ou coletivos se aparelham, ocupam funções, estabelecem suas posições, vivenciam suas trajetórias e podem mudar as posições ocupadas. Para Bourdieu (1994), as Posições Sociais irão mudar de acordo com as Tomadas de Posição<sup>2</sup> e os capitais acumulados por aquele agente ou grupo. Este fator tem profunda relevância e vai interferir em toda Trajetória Construída<sup>3</sup>, caminho que o indivíduo, o coletivo ou a empresa percorre e que ocasiona em um dado resultado que vai depender justamente deste percurso, do que se já existia e o que passou a ser acumulado. Sendo assim, um dos fatores essenciais que devem ser levados em conta, a partir de todo este processo, é como "(...) os agentes se distribuem de acordo com o volume global de capital possuído (...)" (Bourdieu, 2003, p.30).

Dentro desta lógica, ele elenca os capitais que enxerga como principais ou basilares, por assim dizer, que seriam: o Econômico e o Cultural, sob a ótica que o primeiro é tratado como um elemento basilar para todo tipo de capital existente (Bourdieu, 1986, p.13). Desta maneira, o autor vai explanar que o Capital Econômico nada mais é que as posses materiais e os recursos financeiros acumulados por pessoas e/ou grupos e que este fator é o fundamento para todas as outras coisas. Assim:

Portanto, deve-se postular simultaneamente que o capital econômico está na raiz de todos os outros tipos de capital e que essas formas transformadas e disfarçadas de capital econômico, nunca inteiramente redutíveis a essa definição, produzem seus efeitos mais específicos apenas na medida em que esconder (não menos de seus

<sup>2</sup> Este termo foi criado por Bourdieu e pode ser considerado, em uma visão extremamente geral e de entendimento completamente básico, como escolhas que mudam a trajetória e os posicionamentos de um agente, bem como o que defende e até mesmo o tipo de arte que ele produz.

<sup>3</sup> Conceito também criado por Bourdieu (2003) e pode ser definido, de forma bastante geral, como algo para falar do percurso de um dado agente que o levou a ocupar certa posição que ele habita dentro do campo.



possuidores) o fato de que o capital econômico está em sua raiz, em outras palavras - mas apenas em última análise - na raiz de seus efeitos (Bourdieu, 1986, p.13).<sup>4</sup>

Sem este capital, considerado por Bourdieu (1986) como raiz de todos os outros capitais, o agente não poderá ocupar certas Posições. Mas o autor vai elucidar dentro de seus textos uma segunda espécie de “moeda” que contém em si grande valor, que pode pertencer aos que não contam com os bens monetários ou que também estão no alcance dos que possuem acúmulo de capital econômico, que são os bens culturais. Este capital é trazido na discussão de Bourdieu apontando que, em contextos específicos, que são capazes de ser analisados pelo pesquisador, mas, sobretudo em ambientes artísticos, de nada adianta ter recursos financeiros para pagar algo se não há, por trás, um armazenamento de conhecimento, a obtenção de um aprendizado de uma arte, uma demonstração de intelectualidade etc.

Estes aspectos fazem parte do capital cultural e podem ser desenvolvidos durante toda uma Trajetória, que vai culminar no respeito, no valor e na Posição ocupada por uma pessoa, uma empresa, uma comunidade etc. Algo que também pode estar ligado ao capital simbólico também. A investigação veio da necessidade de Bourdieu em compreender quais poderiam ser as chances acadêmicas de diferentes crianças que viessem de classes sociais distintas. A chave, para ele, eram os níveis de sucesso que estavam em jogo e que o poder aquisitivo não era o único existente na equação. Assim, ele afirma que:

(...) possibilitou explicar a desigual conquista escolar de crianças oriundas das diferentes classes sociais ao relacionar o sucesso acadêmico, ou seja, os lucros específicos que crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado acadêmico, a distribuição de capital cultural entre as classes e as frações de classe (Bourdieu, 1986, p.2).<sup>5</sup>

O pensamento que se estabeleceu, então, partindo deste olhar do autor para a sociedade, é que existiria, assim, um capital que seria pautado na influência cultural presente na Trajetória de uma pessoa,

---

<sup>4</sup> Original: So it has to be posited simultaneously that economic capital is at the root of all the other types of capital and that these transformed, disguised forms of economic capital, never entirely reducible to that definition, produce their most specific effects only to the extent that they conceal (not least from their possessors) the fact that economic capital is at their root, in other words – but only in the last analysis – at the root of their effects (Tradução nossa).

<sup>5</sup> Original: (...) which made it possible to explain the unequal scholastic achievement of children originating from the different social classes by relating academic success, i.e., the specific profits which children from the different classes and class fractions can obtain in the academic market (Bourdieu, 1986, p.2). (Tradução nossa).





empresa, grupo etc. Bourdieu (1986) aponta que não se trata de um elemento que pode ser rapidamente coletado, demanda tempo e já pode vir de uma tradição da família do agente e a sua obtenção já vir acontecendo desde outra(s) geração(ões), como é o caso de artistas que têm em seus lares parentes de sua área e recebem oportunidades mais privilegiadas. Um exemplo que pode ilustrar o que Bourdieu (1986) aponta são os intérpretes do audiovisual que possuem pais, avós, padrinhos e outros parentes que já fazem parte da indústria antes deles. Em Hollywood têm-se casos como Nicolas Cage e Sophia Coppola que possuem relação com o cineasta Francis Ford Coppola; no Brasil, um caso conhecido, dentre tantos outros, é o de Luisa Arraes, filha da atriz Virgínia Cavendish e o diretor Guel Arraes.

Estas são relações são apenas algumas amostras, dentro de uma gama ampla de conexões e contatos contidos tanto no mundo das artes quanto fora deles. O que Bourdieu (1986, 1994, 2003) parece desejar passar é que existem situações e elementos que fomentam e contribuem para a Posição que um sujeito, uma equipe, um coletivo, ocupam. Os contatos estabelecidos por um dado indivíduo ou grupo também são descritos pelo autor como sendo de grande valia. Ele vai selecionar este ponto, os da rede de relação, como reconhecimento que resulta em acúmulo de Capital Social. A partir das conexões que podem ser estabelecidas durante certo percurso, acumula-se mais ou menos deste capital. Esta rede pode alavancar uma carreira, por exemplo, colocando um agente em uma posição favorável.

O seu potencial de crescimento está diretamente unido às ligações que se consegue fazer, bem como à mobilização constante que estes contatos estão sempre realizando. “A reprodução do capital social pressupõe um esforço incessante de sociabilidade, uma série contínua de trocas em que o reconhecimento é eternamente afirmado e reafirmado” (Bourdieu, 1986, p.10)<sup>6</sup>. Contar com uma rede bem estabelecida fica sendo, assim, uma maneira de se posicionar bem no campo e este tipo de capital elucida como elementos não materiais podem também funcionar como influência dentro de um Espaço Social. Dando seguimento a este pensamento de Bourdieu, que enumera capitais não materiais e que consegue apresentar “moedas”, segue-se na investigação destas possibilidades. Em *Razões Práticas* (2003), encontra-se uma considerável explicação sobre outro tipo de acúmulo que um agente é capaz de juntar: o Capital Simbólico.

A explicação de Bourdieu passa pela análise de culturas que não possuem os recursos financeiros como valor supremo ou qualquer tipo dele. Ainda que não seja o caso dos fandoms organizados, é possível se valer deste estudo, enquanto teórico e pesquisador, para tratar de sociedades capitalistas, que utilizam os bens simbólicos como fomento para seu reconhecimento. Para Bourdieu (2003), as trocas simbólicas

---

<sup>6</sup> The reproduction of social capital presupposes an unceasing effort of sociability, a continuous series of exchanges in which recognition is endlessly affirmed and reaffirmed (Tradução nossa).



acontecem quando o olhar sob os objetos é semelhante em todos os lados da transação. Desta maneira, aquilo que se é entregue e recebido teria, assim, o mesmo valor para os envolvidos na troca. Além disso, é preciso que exista uma estrutura social inteira que abarque este estilo de acordo, o que o autor vai chamar de “Mercado para as ações simbólicas”. O Capital presente neste tipo de relação é classificado por ele como o que se faz entendido pelo grupo que o utiliza e o tem.

Os seus valores, possibilidades e necessidades são reconhecidos pela comunidade que o emprega, portanto. Esse capital simbólico é comum a todos os membros de um grupo. Dado que é um ente percebido, existente na relação entre propriedades que os agentes detêm e as categorias de percepção (alto/baixo, masculino/feminino, grande/pequeno etc.) que, enquanto tais, constituem e constroem categorias sociais (os dos altos/os dos baixos, os homens/as mulheres, os grandes/os pequenos) fundadas na união (aliança, comensalidade, casamento) e na separação (o tabu do contato) (...) (Bourdieu, 2003 p.171). No fluxo deste pensamento, o autor traz novamente a discussão sobre o poder de acúmulo de uma família. Para ele, é nela em que essas junções de capitais podem ser realizadas de maneira intensa e constante, sendo passadas de geração em geração, seja de forma material ou não, independentemente do capital. Este local seria, então, não apenas de junção, como também de conservação.

Os bens simbólicos não são diferentes e igualmente se encaixam neste sistema. Porém, o que se guarda e se constrói para se reunir o Capital Simbólico? De acordo com Bourdieu (2003), a moeda nesta lógica utilizada é a que se baseia “numa cadeia de crenças ao longo do tempo” (Bourdieu, 2003, p.176). Dessa maneira, o acúmulo de um bem simbólico pode ser relevante para aquela comunidade, mas para outro grupo aquilo talvez não seja de grande valia. Porém, há uma espécie de acúmulo, ainda não citada neste texto, e que pode ser material ou não e que vai depender de cada comunidade, que entra na lógica dos *fandoms*. É o que o autor chama de Capital específico.

Em cada Espaço Social pode ser que existam capitais específicos que precisem ser acumulados por um indivíduo, grupo, empresa etc., para que uma Posição seja ocupada, passando a ser o dominante dentro daquela dada estrutura. A partir disto, pode-se pensar em quais seriam os capitais necessários para se acumular durante uma Trajetória, tendo como um objeto, consciente ou inconsciente, a tomada de poder de uma liderança dentro de um *fandom*? As escolhas de Bourdieu parecem direcionar o pesquisador para uma possível espécie de análise, na qual são considerados elementos que fortificam a presença, as ações, os resultados, as mudanças e todo o resto possível de um artista, uma obra ou um objeto que se escolha estudar. O Capital Cultural, por exemplo, vem, de acordo com o autor (1986), como esta explicação para ver mais claramente em que medida indivíduos de diferentes poderes aquisitivos ocupam, por vezes, posições semelhantes.



Até então, foram trazidos neste artigo os capitais que podem vir a afetar as posições ocupadas dentro dos fandoms organizados. A escolha dos tipos de capitais foi realizada sob a lógica de buscar fazer no último tópico do trabalho uma espécie de investigação e a procura por ligar acontecimentos e ações destas comunidades às posições que podem ser ocupadas nestes espaços. O objetivo deste debate, como já fora apontado na introdução, não é esgotar o tema ou responder se de fato o acúmulo é que confere aos indivíduos a influência, mas sim propor a reflexão, a constatação e a consideração destes fatores como algo inserido no horizonte.

### 3. ACÚMULO DE CAPITAIS EM FANDOMS ORGANIZADOS

A partir das reflexões e do entendimento teórico no que se refere aos *fandoms* organizados e na conceituação de Capitais trazidas pelo filósofo Pierre Bourdieu, busca-se, a partir destes subsídios teóricos, encontrar quais são os elementos que conferem influência aos indivíduos, dando-lhes a Posição de líder dentro de suas comunidades. Unindo esta proposta teórica ao pensamento de Fiske (1992) sobre o acúmulo de capital cultural dentro de grupos de fãs, dividiremos a nossa conexão conceitual em subtópicos, procurando compreender o que foi acumulado pelos fãs durante as suas trajetórias - que acabaram por lhes colocar onde estão - e o que são estas coisas, sempre tentando exemplificar as hipóteses com exemplos de grupos existentes nos ambientes digitais. No entanto, é importante ressaltar que não traremos uma análise com profundidade de um *fandom* específico. A intenção do trabalho é de propor uma reflexão introdutória, acerca do comportamento dos fãs e como surgem as suas interpretações coletivas de uma dada obra.

#### 3.1. CAPITAL ECONÔMICO E OS FANDOMS

Como aponta Bourdieu (1986), todas as formas de capital têm como raiz primeva o Capital Econômico. Ao se pensar em comunidades de fãs é possível notar como o acúmulo de recursos monetários confere certo reconhecimento para cada indivíduo ou subgrupo. Em um exercício, no qual se reflete sobre quais materiais são consumidos, é notável como a distinção de classe social eleva um muro entre seus próprios pares. Um tipo de bem material que pode ser adquirido por indivíduos com condições financeiras maiores são as idas para as convenções de fãs. Estes eventos custam um valor alto, diversas vezes, inacessível. No Brasil, por exemplo, existe a *Comic Con Experience* (CCXP), que cobra uma meia entrada na média de 150 reais, por dia, sendo que o salário mínimo no país é R\$1640<sup>7</sup>.

<sup>7</sup> Valor do salário mínimo em junho de 2024.



Além disso, dentro deste ambiente começa a segunda etapa das diferenças de acúmulo de capital econômico. Na CCXP, assim como em tantas outras convenções (*Dragon Con, Comic Con Nova Iorque* etc.), são vendidos produtos ligados ao objeto de admiração dos fãs, como bonecos, *posters*, HQs, bem como fotos e autógrafos com os artistas que estão presentes no evento.

**Imagem 01: Atores Robert Pattinson (R) e Taylor Lautner assinam cartazes para os fãs na Summit Entertainment apresenta *A Saga Crepúsculo: Amanhecer - Parte 1* Comic-Con Fan Meet and Greet em 21 de julho de 2011, em San Diego, Califórnia.**



Fonte: site Zimbio: [tiny.cc/320ebz](http://tiny.cc/320ebz)

Desta forma, quando estes bens são adquiridos, os indivíduos que possuem recursos financeiros para obter estes materiais acabam ganhando influência perante seu grupo. A maneira mais comum de expor estes encontros e aquisições, observada em ambientes digitais, são as postagens em grupos, páginas e perfis de redes sociais. Nestes ambientes, as compras são celebradas pelos integrantes de comunidades de fãs diversos, nas quais são colocados comentários de enaltecimento para os que estiveram no evento e puderam pagar pelos bens oferecidos e lamentos dos que não retêm acúmulo de capital econômico o suficiente para ir a uma convenção ou de investir em produtos vendidos por lá. Assim, como é afirmado por Bourdieu (1986), o poder aquisitivo é uma raiz dentro da lógica de capitais. Contudo, em muitos casos, esta não é a única razão que determina a Posição ocupada pelo agente dentro do Espaço Social.



Assim, dando continuidade à reflexão dos possíveis acúmulos dentro dos *fandoms*, vendo-os como reconhecimento para a ocupação de uma liderança dentro de suas comunidades, partimos para analisar a junção de capital cultural de indivíduos pertencentes a grupos de fãs.

### 3.2. CAPITAL CULTURAL E OS *FANDOMS*

Em meio aos grupos formados por pessoas que possuem objetos de admiração semelhantes, pode haver toda uma gama de componentes que fazem parte daquele coletivo. Existe uma variação de idade, de identidade de gênero, classes sociais, locais onde moram etc. O que os une é a paixão por algo ou alguém. Ainda assim, as distinções, que são particulares de cada indivíduo, habitam os grupos. Uma das possibilidades de distinção entre fãs é o capital acumulado prévio a sua entrada em um fandom ou após a sua inserção em um dado grupo<sup>8</sup>. A proficiência em uma língua estrangeira, por exemplo, principalmente se for aquela em que as celebridades falam, pode dar a chance de comunicação direta com os mesmos, bem como a possibilidade de escrita para uma comunidade mais ampla de fãs.

Aqueles que escrevem *fan fictions*<sup>9</sup> em múltiplos idiomas conseguem divulgar o seu trabalho ainda mais intensamente, também. Bourdieu (1968) explica que este capital pode vir sob três formas: **corporificado**, objetivado e institucionalizado. O primeiro trata-se de algo que, para o autor, não tem como ser passado adiante e que demora para ser acumulado, incorporado, e que pode vir manifestado no corpo do artista, como em um dançarino. O **institucionalizado** é o que é conferido por locais legitimados pela sociedade, como o ambiente acadêmico. O **objetivado** vem para materializar o capital cultural e chega sob a forma de produtos, por exemplo. Se um artista possui um quadro original de uma pintora famosa, logo ele não apenas possui aquele objeto, como é detentor das ferramentas intelectuais de reconhecimento daquela pintura como algo de valor para o campo artístico.

Em uma ligação com o fenômeno discutido no presente artigo, um fã poderia comprar um roteiro autografado por seu ídolo<sup>10</sup>, porém o mesmo, se não tem em sua Trajetória Construída algum tipo de estudo voltado para a área dramaturgica, pode não saber reconhecer o valor real daquele material. Sendo

---

<sup>8</sup> Esse traço pode ser observado em coletivos que admiram obras e pessoas envolvidas nas áreas voltadas para as artes. É importante frisar que o artigo procura dar conta apenas de fandoms voltados para produções ficcionais, como filmes, livros e séries, não se direcionado para fãs de outros tipos de produto ou pessoas.

<sup>9</sup> *Fan fiction* é um texto que se vale de uma obra ficcional original recontada. Acontecimentos prévios, situações futuras ou qualquer ponto que um dado autor gostaria que acontecesse, aparecem aqui.

<sup>10</sup> Com o objetivo de criar campanhas de doações, principalmente para causas beneficentes, artistas autografam seus roteiros e vendem.



assim, se um admirador do mesmo artista adquire conhecimento sobre este tipo de escrita, compra o produto e depois publica uma postagem comentando a técnica ali contida, esta pessoa tem a chance de ganhar visibilidade dentro do *fandom*. O filme *Voldemort: A Origem do Herdeiro* é uma produção de fãs, baseado na saga de livros de *Harry Potter*. A autora da saga validou a narrativa como canônica, o que conferiu certa influência para seus realizadores. Para a sua feitura foram necessários os acúmulos anteriores de capital econômico e cultural.

Logo, os integrantes da equipe precisavam não apenas ter conhecimento técnico sobre o audiovisual, mas também os elementos chave da história de Voldemort, personagem que dá nome ao título da trama. Além disso, seria necessário que possuísem recursos financeiros para rodá-lo e finalizá-lo. A partir deste pensamento vigente em Bourdieu, o teórico Fiske (1992) trata sobre a economia cultural dos fandoms organizados, partindo do conceito de Capital Cultural. "Fiske procura mostrar que os fãs são produtores e usuários do capital cultural e que começam a reproduzir equivalentes a instituições da cultura dominante de uma forma popular e sob o controle do popular, como meio de suprir as necessidades por essa cultura" (Curi, 2010, p.39). O que o autor vai evocar, dentro deste contexto, o entendimento de uma espécie de cultura econômica paralela, na qual são considerados como valorosos elementos distintos do comum.

É relevante salientar que existem parâmetros comuns à sociedade, dentro dos fandoms, no que se referem aos capitais como um todo, como apontamos anteriormente e iremos ressaltar posteriormente. No entanto, o que Fiske (1992) estabelece é uma lógica que diferencia esta avaliação de bens individuais, que trazem distinções dentro deste universo. "O sistema cultural funciona como o sistema econômico para distribuir seus recursos de forma desigual e, assim, distinguir entre os privilegiados e destituídos" (Fiske, 1992, p.2). Desta maneira, o que fica pontuado por Fiske (1992) é que existe uma forma própria de organização dentro destes grupos, trazendo um elemento institucional para os fandoms, convocando uma equivalência com o que há na sociedade como um todo, porém com dados e ações específicas. É por meio desta organização que as distinções são criadas, marcando as suas interações.

"O conhecimento específico dos fãs, assim como o capital cultural, serve para distinguir as comunidades de fãs e os próprios fãs entre os que possuem ou não tais informações" (Curi, 2015, p.138).

### 3.3. CAPITAL SOCIAL E OS FANDOMS

Durante a nossa observação participante, tanto no X (antigo Twitter) quanto no Facebook, foi possível enxergar a capacidade de um integrante de uma dada comunidade como uma figura de possível liderança e voz no grupo a partir das conexões estabelecidas por eles. A depender de quem está envolvido nesta espécie de jogo de relação, a ação pode ser mais ou menos efetiva. Aqui, as possibilidades passam por searas que vão desde colegas fãs até membros da equipe da obra admirada. Obviamente, se a interação



envolve um famoso, a popularidade ganha um tom diferente, mais especial. Desta maneira, “o Capital Social é o agregador dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de conhecimento mútuo” (Bourdieu, 1986, p.8). Um exemplo que pode se encaixar nas consequências de um bom acúmulo de capital social são as formações de duplas e grupos para a escrita de fanfics.

No fandom da série *Once Upon a Time*, duas fãs publicaram um livro chamado de *A Secretaria*, a partir de uma parceria. Baseado na *fanfic* delas, a obra foi bem vista nesta comunidade e o estabelecimento ou manutenção de amizade com elas, a partir de agora, pode ser visto com uma espécie de status, pelo fato delas terem adquirido capitais como o econômico, o cultural e o simbólico, tipo de reconhecimento que veremos no próximo tópico.

### 3.3. CAPITAL SIMBÓLICO E FANDOM

“Aquele que responde às expectativas coletivas que, sem qualquer cálculo, ajusta-se de imediato às exigências inscritas em uma situação, tira todo o proveito do mercado dos bens simbólicos” (Bourdieu, 2003, p.171). Avaliando esta citação, qual seria esta perspectiva das comunidades de fãs para definir as demandas para que o indivíduo pudesse garantir essa benesse completa? Até agora, abordamos como acúmulos de bens econômicos, culturais e sociais podem ser uma espécie de moeda que, ao se comparar com acontecimentos dentro destas comunidades, consegue-se aferir que afeta a posição ocupada por um fã dentro do *fandom*. No entanto, em uma observação dentro de ambientes digitais<sup>11</sup>, é notável que existem pessoas que, de certa maneira, não possuem majoritariamente, ou de maneira alguma, os capitais aqui já citados.

Desta forma, o que eles estariam armazenando para conseguir uma posição mais alta dentro de suas comunidades? Na carona da pista da frase de Bourdieu (2003), a questão pode planar sob as expectativas e ações bem vistas dentro destes grupos, mas que não passam por algo mais palpável, por assim dizer. Há inserido no universo *online* elementos que chamam atenção e geram bastante interação entre os *fandoms*, e que ficam no quesito dos bens simbólicos. Quando um indivíduo publica algo em uma rede social, por exemplo, e um artista da produção admirada curte, comenta e/ou compartilha aquele material, a ação e seu resultado tornam-se influência. É como se um pouco do capital da pessoa célebre

---

<sup>11</sup> Principalmente na observação participante realizada entre maio e julho de 2019, com o objetivo de encontrar em páginas da internet exemplos para os tipos de capitais. Foram olhados os sites Zimbio, o grupo de Facebook *Igreja Swan Queen é o Amor e O Mundo Sombrio de Sabrina Br.*



fosse transferido, de certa maneira, para o fã. A lógica aqui seguida poderia ser, talvez, semelhante à do capital social. As interações nas redes e os resultados disto conferem *status* ao realizador do ato.

Outro exemplo que pode aparecer para ilustrar as situações dentro de *fandoms* organizados, sob o ponto de vista dos bens simbólicos está, novamente, nas *fanfics*. Ao publicar um texto em uma plataforma específica para este gênero, o autor aguarda os efeitos daquela obra em seu público. Um tipo de reconhecimento que se pode ganhar são os comentários das leitoras, bem como a chance de ter sua história *favoritada* ou indicada para leitura. Os próprios sites voltados para este estilo de publicação incentivam as formas de interagir de seu público, deixando recados para os usuários, fornecendo indicações de como interagir com aqueles materiais e o que se pode esperar de cada postagem ali dentro. Fora dos ambientes digitais, um exemplo seria o que aquele fã está fazendo no mundo real?

Organizando festas temáticas, tendo suas perguntas respondidas em painéis de convenções, visitando *sets* de filmagem e conseguindo gravar um vídeo para postar depois, são algumas das possibilidades descritas por *fandoms* na internet. Toda esta lógica é possível porque cada indivíduo que forma o coletivo partilha da mesma crença. Assim, quando algo acontece nestas comunidades, a reverberação ocorre justamente porque eles sabem o que cada coisa significa. A partir deste pensamento, é possível correlacionar isto com o que Bourdieu afirma nesta passagem, ao falar do Capital Simbólico:

Tem como característica surgir em uma relação social entre as propriedades possuídas por um agente e outros agentes dotados de categorias de percepção adequadas: ente percebido, construído, de acordo com as categorias de percepção específicas, o capital simbólico supõe a existência de agentes sociais constituídos, em seu modus de pensar, de tal modo que conheçam e reconheçam o que lhes é proposto (...) (Bourdieu, 2003, p.172-173).

Neste caminho de refletir sobre as particularidades dos capitais acumulados por fãs que podem ser por eles reconhecidos, fica a pergunta: o que é preciso ter de específico e, talvez único, para ter uma boa posição ocupada dentro destas comunidades?

### 3.4. CAPITAL ESPECÍFICO - OUTRAS POSSIBILIDADES PARA OS FANDOMS?

A partir das teorias de Pierre Bourdieu a respeito dos tipos de Capitais que podem ser acumulados por agentes, fazendo com que eles ocupem certas Posições dentro do Espaço Social que habitam, pode-se se pensar em quais os elementos particulares dos *fandoms* organizados e quais acúmulos seriam específicos dentro deles. A resposta poderia vir de forma mais geral como algo que considera os capitais já citados nos tópicos anteriores do presente trabalho como recurso financeiro para adquirir





idas para convenções, compra de autógrafos e fotos ou o estudo da língua inglesa para falar diretamente com a equipe da obra admirada por aquela comunidade. Outro elemento, poderia ser um pouco mais fechado, seria o de olhar para tudo que envolve a produção de materiais de fãs, pois este é um aspecto exclusivo, por assim dizer, dos *fandoms*. A chave da distinção e do acúmulo de capitais específicos pode caminhar justamente para esta seara das características únicas que balizam o comportamento, as ações e os capitais dentro destes grupos. Seguir os rastros de todo material de fã (não apenas textos, como ilustrações, vídeos etc.) pode ser o início desta compreensão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão promovida durante o presente artigo foi possível compreender algumas questões e deixar uma quantidade de perguntas para serem respondidas em trabalhos próximos. O primeiro ponto a ser elencado está na importância em pensar nos *fandoms* como estas comunidades interpretativas, que possuem uma estrutura organizacional própria, partindo da lógica organizacional de uma sociedade comum. *Fandoms* seriam, assim, como uma espécie de réplica, um microcosmo da sociedade, que parte da reunião de indivíduos apaixonados por um produto midiático, um artista ou uma celebridade. Em termos de resgatarmos o nosso problema de pesquisa, é compreensível e nítido que existem influenciadores que, embebidos de seus privilégios, na lógica de acúmulo de capital, reverberam suas reflexões e opiniões, contaminando o seu coletivo.

Em nossa observação participante, notamos esta onda de disseminação de pensamento, a partir de uma publicação que salientava algum tipo de distinção de um fã. Ainda assim, devido às questões como o Espalhamento midiático (Jenkins *et al.*, 2013), que faz com que a correnteza do fluxo de informação seja tão intensa, que buscar a origem de uma influência se torna um trabalho árduo. Também notamos que as relações de hierarquia se estabelecem nas conexões entre os próprios indivíduos em relação a eles mesmos, para além do relacionamento entre fandom e produto, podendo partir da obra admirada por estas pessoas que estão interagindo ou algo semelhante. Um exemplo são publicações no X (antigo Twitter) sobre uma produção, que ganha comentários extensos quando o usuário demonstra que possui conhecimento prévio sobre aquela imagem ou texto que está publicando.

Ainda assim, após a comparação teórica dos estudos de Bourdieu (1985) e Fiske (1992), bem como através das noções de comunidades interpretativas de Fish (1992) e influenciadores de seus agrupamentos, promovida por Zilberman (1989), não acreditamos que um estudo geral como o nosso possa realizar afirmações diretamente categóricas. O que conseguimos realizar com a pesquisa foi o entendimento da necessidade de expansão para o olhar de comunidades de fãs, para além de suas práticas



em si, comumente tratadas de maneiras generalizadas. Ainda que existam teorias e conceitos para analisar fandoms de forma específica, no Brasil e fora dele, sentimos uma desconexão de especificidades dentro da área, bem como a ausência deste olhar maior para a base das disputas de sentido.

Se existe nos estudos de fãs uma investigação sobre fenômenos como as próprias tensões interpretativas e ativismos de fãs, de onde partem estas mobilizações também é relevante para compreender os embates, as chamadas toxicidades e distanciamentos entre fãs, que divergem de opinião, criando possíveis rupturas entre si. Um caminho que propomos aqui é o de, a partir deste olhar para o estado da arte e de algum delinear analítico, convocado no presente trabalho, que se observe estas influências e esta rede de espalhamento midiático, já proposta por Jenkins et al, inclusive no que se refere às Controvérsias Oportunas, mas que merece um aprofundamento maior.

Porque sim, confirmamos com nosso estudo a interferência dos capitais na construção e manutenção de relações dentro de fandoms, porém é necessário um estudo mais profundo e nichado deste campo, para que afirmações mais concretas possam ser realizadas. Olhar para um fandom específico e seguir utilizando este olhar para diversas comunidades de fãs, até que se exista uma amostragem ampla, ao ponto de poder ser feito um quadro comparativo, é uma saída possível para a investigação mais intensa da área. Assim, no momento em que o pesquisador assume este olhar sob estes grupos, ele pode, a partir das teorias propostas pelo filósofo Pierre Bourdieu, descobrir características centrais sobre esta população, investigando como se dá o Espaço Social, como é o comportamento destas pessoas, o que elas acumulam para se posicionar dentro do Espaço Social que ocupam. Neste trabalho, a escolha foi olhar para os possíveis capitais que o fã possui ali dentro.

A tentativa do artigo era colocar no mapa a discussão e rascunhar o que é reconhecimento dentro dos *fandoms* organizados e o quê os indivíduos que deles fazem parte utilizam para alcançar objetivos, espaços e ter voz em seu grupo. Talvez, o que fique deste texto são as possibilidades para se seguir adiante na descoberta e estruturação de influências das comunidades interpretativas compostas por fãs. As pistas para a descobertas dos possíveis líderes dentro destes grupos podem começar por este estudo aqui apresentado. Em seguida, pode-se partir para a análise das interações em ambientes digitais, ou fora dele, buscando descobrir o que estas pessoas que acumulam diversos capitais fazem com este reconhecimento e como estas ações afetam os outros fã e, talvez, até mesmo o próprio produto.

Faz-se necessário refletir, no entanto, que estes capitais não estão em blocos e se apresentam como um conjunto de possibilidades oferecidas por um ou mais líderes. Desta maneira, os próximos pesquisadores que se debruçarem diante deste universo podem seguir na observação destes condutores de interpretação e os reflexos de seus comportamentos.



## REFERÊNCIAS

- AMARAL, A. **Manifestações da performatização do gosto nos sites de rede sociais**: uma abordagem a partir da cultura pop. *Revista Eco-Pós*, v. 17, p. 8, 2014. Disponível em: [http://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/1769](http://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1769) . Acesso em 04/07/21. Acesso em: 04 jun. 2021.
- AMARAL, A. Redes sociais, linguagem e disputas simbólicas. *ComCiência* (UNICAMP), v. 1, p. 03, 2011. Disponível em <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=70&id=878>. Acesso em: 04 jun. 2021.
- BOELLSTORFF, T.; NARDI, B.; PEARCE, C.; TAYLOR, T. L. **Ethnography and Virtual Worlds A Handbook of Method**. Princeton: Princeton University Press, 2012.
- BOURDIEU, P. "The forms of capital", in RICHARDSON, J. G. (org.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**, Nova Iorque, Greenwood, 1986, p. 241-58.
- BOURDIEU, P. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP : Papyrus, , 2003. *In*
- RICHARDSON, J. G. **As Regras da Arte**: Gênese e Estrutura do Campo Literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- EINWÄCHTER, S. G. **Transformationen von Fankultur**: Organisatorische und Ökonomische Konsequenzen globaler Vernetzung. 2013. Tese (Doutorado em filosofia) – Departamento de Filologias Modernas, Universidade Johann Wolfgang Goethe em Frankfurt am Main, 2013, 283 p.
- FISH, S. "Is there a text in this class?". Tradu. Rafael Eugênio Hoyos. **Revista Alfa**, v. 36, p. 189-206, São Paulo, 1992.
- FISKE, J. (1992) The cultural economy of fandom. In: LEWIS, Lisa A. (org.). **The adoring audience: fan culture and popular media**, p. 30-49. Londres: Routledge, 1992.
- FISKE, J. **Understanding popular culture**. Londres: Routledge, 1990. 2ª edição.
- FLICK, U. **Qualitative Sozialforschung** – Eine Einführung. 4ª edição. Hamburg: Rowohlt's Enzyklopädie, 2019.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- GRAY, J.; SANDVOSS, C.; HARRINGTON, C. L. (eds). **Fandom: Identities and Communities in a Mediated World**. New York: NY University Press, 2007.



GRECO, C.; PONTES, E. L. Fãs: consolidação de um campo e aceno as perspectivas de crítica social. *In: Meios e Audiências*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2023, v.IV, p.347-374.

HILLS, M. **Fan Cultures**. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2002.

JENKINS, H. **Textual Poachers**: television fans & participatory culture. New York: Routledge, 1992.

JENKINS, H. **Fans, bloggers, and gamers**: Exploring participatory culture. nyu Press, 2006.

JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Spreadable Media**: Creating Value and Meaning in a Networked Culture. São Paulo: Aleph, 2014.

LOPES, M. I. V. de. **Obitel 2017**: Por uma teoria de fãs da ficção televisiva brasileira II: práticas de fãs no ambiente da cultura participativa. Porto Alegre: Sulina, 2017.

REZENDE, N.; NICOLAU, M. **Fã e Fandom**: Estudo de Caso Sobre as Estratégias Mercadológicas da série Game of Thrones. São Paulo: VIII Simpósio Nacional da ABCiber. ESPM-SP, 2014.

ZILBERMAN, R. **Estética da Recepção e história da literatura**. Ed. Ática: São Paulo, 1989.